

INCOERÊNCIAS NA POESIA EPISTOLAR DE SÁ DE MIRANDA?

Saulo Neiva *

Resumo: As diferentes visões de um mesmo personagem ou de um tema, que aparecem ao lermos o conjunto da poesia epistolar de Sá de Miranda, não são interpretadas neste artigo como o sinal de uma incoerência qualquer por parte do poeta mas como o resultado das escolhas por ele feitas, em termos de forma poética (carta em versos ou epístola dedicatória), tornando-se assim uma expressão do respeito para com a noção de *decorum* e para com uma tradição poética precisa. Para ilustrar tal princípio, analisamos as diferentes representações feitas de um destinatário preciso – no caso, António Pereira – e de uma mesma temática – o império português e sua expansão.

Palavras-chave: Carta em verso. Epístola dedicatória. *Decorum*.

A análise que temos feito, já há alguns anos (NEIVA, 1999a, 1999b, 2004), da poesia de Francisco de Sá de Miranda, sempre esteve claramente submetida a uma preocupação maior : a de contribuir para uma melhor compreensão de uma prática literária extremamente usual entre o Renascimento e o século XVIII, mas que, desde então, foi bastante abandonada ou desconsiderada. Mais precisamente, temos tentado entender o sentido do grande interesse que os letrados portugueses do século XVI manifestaram pela carta em versos, forma poética que, na nossa época, parece tão pouco atraente. Para lançar as

* Professor Doutor da Universidade Blaise Pascal (Clermont II), responsável pela Cátedra Sá de Miranda; e-mail: saulo.neiva@free.fr

bases dessa problemática, temos examinado em prioridade as cartas em versos compostas por três dos poetas mais célebres da época – Sá de Miranda, António Ferreira e Diogo Bernardes –, além de um outro “discípulo” mirandino, Pero de Andrade Caminha (NEIVA, 2002).

Assim, temos tentado demonstrar de que modo esses poetas atualizam uma forma poética antiga praticada entre outros por Horácio e Ovídio, que foi exumada por Petrarca, e como, apoiados num saber retórico que partilhavam com os seus contemporâneos – mas que, às vezes, temos tendência a ignorar ou negligenciar –, eles recorrem a certos elementos característicos da arte da conversação para defender uma verdadeira “moral da intimidade”, na qual os valores relacionados com a quietude do ócio e o culto da amizade exercem um papel decisivo. Ao mesmo tempo, na esteira, aliás, de tantos outros especialistas, temos procurado salientar tanto a importância de não considerarmos esses poemas como meras fontes histórico-biográficas quanto o risco de os examinarmos como testemunhos autobiográficos estritamente “fidedignos”.

Foram tais preocupações que nos levaram a destacar os princípios de base dessa forma poética e o significado que a sua atualização pode ter assumido no Portugal do século XVI. Assim, nesses poemas, o poeta imita uma troca amistosa de conselhos entre dois personagens: um epistológrafo, que se distingue pela sua “prudência” (no sentido clássico de capacidade de julgamento e discernimento) e evoca diferentes temas morais, a respeito dos quais aconselha o seu destinatário, através de um discurso devidamente “temperado” com referências a circunstâncias biográficas relativas ao epistológrafo ou ao seu destinatário. Vale salientar que o *aggiornamento* dessa forma poética, exercido “em nome do ócio e da amizade”, assume um interesse maior numa época cujo “campo ético”, particularmente no âmbito da sociedade portuguesa, sofre mudanças consideráveis (BETHENCOURT, 1988) – século marcado, ao mesmo tempo, pela efervescência socioeconômica decorrente da expansão marítima, pelos ventos de renovação cultural do Renascimento e pelo peso da censura inquisitorial.

Nesse âmbito de atualização renascentista de uma forma poética antiga, o “poeta do Neiva” compôs um conjunto de 17 poemas, 8 dos quais em castelhano. A importância das cartas em versos dentro da obra de Sá de Miranda pode ser ilustrada pelo destino que os leitores dos séculos seguintes lhe deram: inúmeras passagens desses poemas foram citadas regularmente, adquirindo às vezes um estatuto semelhante ao dos adágios clássicos. Também podemos afirmar que Sá de Miranda contribuiu de modo decisivo ao processo de atualização da carta em versos, no Portugal do século XVI, pois em torno da sua figura emblemática se constituiu um ativo círculo de poetas, cultores dessa forma poética, num movimento mais ou menos intenso de interação: pensamos não só em António Ferreira e Diogo Bernardes, mas também em Dom Manuel de Portugal, Francisco de Sá de Meneses, Frei Agostinho da Cruz ou André Falcão de Resende (BRAGA, 1871, p. 197-226; FRAGA, 1994-1996).

De um ponto de vista formal e bem amplo, que leve em consideração os códigos que dominam nas práticas poéticas da época, as cartas em versos de Sá de Miranda podem ser distribuídas em dois grandes grupos:

I. Oito cartas em versos “em sentido restrito”. Sete dessas cartas foram publicadas na edição *princeps* das obras do poeta (ML: 17r.-57r ; 64v.-67v.) e são dirigidas respectivamente ao rei Dom João III, a João Rodrigues de Sá de Meneses, a Pero de Carvalho, a Mem de Sá, a António Pereira, a Dom Fernando de Meneses, a Jorge de Montemor. Uma outra carta em versos, publicada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, é dirigida a Manuel Machado de Azevedo, cunhado do poeta (CMV: 524-525). Consideramos como cartas *stricto sensu* os poemas que se inserem claramente na tradição horaciana dos *sermões*, marcados pela retórica da conversação, por uma preocupação manifestamente didática e, quase sempre, por um cunho de sátira grave, que produz o vitupério do modo de vida dos

contemporâneos. São composições autônomas, que podem perfeitamente ser isoladas em relação à coletânea em que foram publicadas, sem nenhum prejuízo, nem de compreensão nem de fruição da leitura.

II. Nove epístolas dedicatórias, compostas para servirem de exórdio às églogas mirandinas. Os destinatários de quatro poemas deste grupo também figuram na lista de destinatários do grupo anterior: assim, dois dentre eles (os que precedem **Nemoroso** e **Aleixo**) são dirigidos a António Pereira (CMV: 349-352; 453-454); os outros dois são dedicados ao rei Dom João III (**Mondego**, CMV, 265-269) e a João Rodrigues de Sá de Meneses (inicialmente, dedicatória de **Montano**, publicada isoladamente em CMV, 675-676). Os destinatários das demais epístolas dedicatórias são Nuno Álvares Pereira (**Basto**), o infante Dom Luís (**Célia**), o Duque de Aveiro (**Andrés**), Dom Manuel de Portugal (**Encantamento**) e António de Sá (**Epitalâmio Pastoril**) (CMV: 153-155; 293-295 e 563-565; 317-320; 475-476; 501-502). As epístolas deste grupo distinguem-se claramente das cartas em versos *stricto sensu* porque, no fundo, são paratextos poéticos compostos por Sá de Miranda para anunciar e dedicar suas églogas. Apesar de até poderem ser lidas separadamente em relação às églogas que introduzem, elas só são dotadas de um grau mínimo de autonomia e respeitam as restrições que em geral se impõem às epístolas desse tipo. Assim, nelas, a preocupação de aludir a circunstâncias biográficas – comum aos poemas dos dois grupos – está geralmente submetida a duas outras: a de anunciar as temáticas a serem tratadas pela égloga que se segue e a de impregnar o discurso poético de um cunho altamente encomiástico para com o destinatário.

Ao lermos o conjunto integral das cartas em versos e epístolas dedicatórias compostas por Sá de Miranda, ficamos muito marcados

pela divergência de visões, de um mesmo personagem ou de um tema, que podem nelas desenhar-se. Conforme poderemos constatar, essas divergências não devem ser consideradas como o sinal de uma incoerência qualquer por parte do poeta. Ao contrário, tal “discordância interna” pode ser parcialmente explicada se levarmos em conta as escolhas feitas por Sá de Miranda em termos de forma poética (carta em versos ou epístola dedicatória) e a maneira como o seu discurso poético é devidamente “ajustado” às implicações de uma tal escolha. Para ilustrar o que afirmamos, basta analisarmos as diferentes representações feitas de um destinatário preciso – no caso, António Pereira – e de uma mesma temática – o império português e sua expansão.

Duas visões do Senhor do Basto

Começemos por uma comparação entre as características gerais da carta em versos dirigida a António Pereira e as da epístola dedicatória que anuncia a égloga **Nemoroso**, de que o Senhor do Basto também é destinatário. Nas entrelinhas dos dois poemas, compõe-se, por pinceladas esparsas, uma certa representação do destinatário, bem como da relação que o vincula ao epistológrafo. Assim, nos dois casos o epistológrafo tece o elogio da vida tranquila no campo, situando-o sempre à luz da frequência da obra de Garcilaso de La Vega (“Líamos polo alto Lasso [...]”, CMV: 242n; “Enviasteme el buen Laso, / Iré paseando así paso a paso”, v. 64-65), em torno da qual epistológrafo e destinatário aparecem reunidos. Num e noutro poema, então, o lugar-comum¹ da tranquilidade da vida no campo serve de esteio à evocação da prática do ócio literário num clima de amizade.

Apesar de os dois poemas serem dirigidos a um mesmo destinatário, o epistológrafo assume uma atitude diversa em cada caso, adotando um registro diferente, o que, aliás, é anunciado desde o *incipit*. Assim, o sentido de leve admoestação da carta em versos (“[...] Se

¹ Sobre a importância dessa noção para uma melhor compreensão da literatura da época, ver, por exemplo, Goyet, 1993.

nos Deus não val aqui / Perigoso imigo corre”, v. 9-10), estreitamente relacionado com a circunstância biográfica que serve de pretexto à sua composição (trata-se da carta “A Antonio Pereyra Senhor do Basto, / quando se partio para a Corte coa casa toda”, ML: 41v, grifo nosso), é substituído, na epístola dedicatória, por um encômio entusiástico do destinatário:

De los nobles Floiais,
 en Pereiras mudados,
 derecho tronco, sin algun contraste,
 que por nombre contaís
 todos vuestros pasados
 del tiempo del buen Rey Alonso el Casto,
 tan bivo se halla el rasto
 de sucesión derecha
 y noble antigüedad,
 hast’esta nuestra edad [...]
 (ML, fol. 62, v. 1-10)

Dada essa diferença fundamental de registro, até mesmo o uso de recursos idênticos nos dois poemas pode adquirir um significado diverso, num e noutro caso. Basta lembrarmos o uso, já mencionado, do lugar-comum da tranqüilidade da vida no campo, servindo como meio de evocação de uma mesma prática cultural (o ócio). No caso da carta em versos, ele fundamenta o vitupério da decisão do destinatário de partir para a Corte, ao passo que na epístola dedicatória, ao mesmo tempo, auxilia o elogio do destinatário e anuncia o universo bucólico onde evoluem os personagens da égloga **Nemoroso**.

Essa diferença de atitude também denota uma divergência na apropriação que se faz, num caso e noutro, do “material biográfico” relativo ao destinatário. Assim, na epístola dedicatória o espistológrafo, recorrendo ao *topos* da origem, funda o encômio do destinatário sobre, essencialmente, o caráter nobre da sua ascendência (“Derecho tronco, sin algun contraste [...]”). Refere-se aos elementos biográficos do destinatário com o intuito de ressaltar a excelência da sua estirpe, prática

amplamente utilizada numa cultura aristocrática como a da época, e que se aproxima tanto do que domina na tradição linhagística das casas senhoriais quanto do que aparece muitas vezes nas cartas em versos “implicando uma superioridade do destinatário” (por exemplo, dirigidas a el-Rei, a um mecenas ou a um mestre), cujas características principais, aliás, analisámos anteriormente (NEIVA, 1999, p. 111-146).

Já na carta em versos mencionada, trata-se de desaprovar uma decisão precisa que foi tomada por António Pereira, numa atitude de seleção de uma circunstância biográfica definida (a mudança do destinatário para a Corte), que o epistológrafo interpreta, desde os versos iniciais. Assim, ele atribui um sentido ameaçador ao episódio selecionado, associando-lhe, por analogia, eventos contemporâneos “nocivos”:

Como eu vi correr pardaus
Por Cabeceiras de Basto,
Crecer em cercas e em gasto,
Vi por caminhos tão maus
Tal trilha, tamanho rasto,
Nesta hora os olhos ergui
À casa antiga e à torre
Dizendo comigo assi:
Se nos Deus não val aqui,
Perigoso imigo corre!

(CMV, 237, v. 1-10)

Do mesmo modo, se na carta em versos temos uma comparação longa e clara entre a vida no campo e na Corte (“Todavia há diferenças / antre o de cá e o de lá [...]”, v. 66 sq.), seguida de uma divertida caricatura do modo de vida cortesão (cf. NEIVA, 2004), na epístola dedicatória, há apenas uma caracterização da tranquilidade da vida pastoril – recurso visando a anunciar a atmosfera bucólica da narrativa que se segue – com rápida alusão à vanidade custosa de uma vida voltada para “as esperanças do mundo”:

Quanto tiempo perdí!
No sé por donde anduve:
Vi tierras, vi costumbre diferentes [...].
¡Segura, dulce, y santa
vida del monte! Ah quanta
vana fatiga ví! Quantos sudores!
Y así cansado y muerto,
De polvo llegué aquí todo cubierto.
(ML, fol. 62-63, v. 39-41; 47-51)

Em cada caso, delineia-se assim uma representação diferente da relação que une o epistológrafo ao destinatário. Diversidade na representação que deixa de ser interpretada como uma incoerência a partir do momento que a consideramos à luz dos códigos que dominavam na prática poética da época. Nessa perspectiva, percebemos o quanto a concepção da relação epistológrafo-destinatário está submetida ao respeito de certos princípios pelos quais se guia a prática de cada uma das formas poéticas escolhidas.

Celebração e vitupério da expansão portuguesa

Vejamos agora de que modo uma mesma temática – no caso, a expansão portuguesa – pode ser tratada diferentemente, em função das “restrições” impostas pela escolha de uma ou outra forma poética. Para isso, podemos partir de uma constatação já realizada anteriormente (cf. por exemplo PINA MARTINS, 1991), segundo a qual, nos versos de Sá de Miranda, encontramos ora a louvação de certos aspectos da expansão portuguesa, ora a maledicência de alguns de seus efeitos sobre o modo de vida dos contemporâneos.

Assim, por um lado, o epistológrafo recorre a um tom apologético quando se dirige, através de epístolas dedicatórias, a duas personalidades fundamentais na hierarquia sócio-política da monarquia portuguesa: o rei Dom João III e o infante Dom Luís. Celebração, aliás, que, nos poemas em questão, exerce uma dupla função de *salutatio* e *captatio benevolentiae*. Com efeito, desde os

primeiros versos da epístola a Dom João III, o epistológrafo glorifica a extensão do poderio do monarca e a ação heróica da nação, representada através do destinatário:

Íncrito Rey, que d'este al otro Polo
enchistes de trofeos, abriendo al Nilo,
desd'el Tajo, luz nueva y nuevo día,
mudando en esto la natura estilo:
dándoos Neptuno el mar, dándoos Eolo
sus vientos, y armas Marte a la porfia.
Por la zona que ardía
en brava, continuamente,
vuestra animosa gente,
los Portugueses, a que nada espanta,
a vós, Señor, los ojos, y a la santa
empresa y lealtad propia y d'abuelos,
contra amenaza tanta
gran denuedo venció tantos recelos.

(CMV, 265, v. 1-14)

Do mesmo modo, ao dirigir-se ao infante Dom Luís, ele evoca os seus feitos épicos durante a tomada de Túnis, recorrendo desde o início à amplificação laudatória (“Serenísimo Ifante, a quien se deve / Hervor de Esmirna o Mantua, a quien el mio / Quando más se alza es una fría nieve [...]”, v. 1-3), para logo em seguida assinalar o papel apologético que incumbe à poesia, no que diz respeito a tais ações:

Las musas, quando Vuestra Alteza andava
Buscando las empresas de sí dinas,
Que juntamente tremía y sudava
Africa toda en ver las altas quinas
De aquel real guión, quando asomava,
Alla que os cantarían más vezinas,
Oíste las quiza de veras:
Oil-las heis acá como extranjeras.

(CMV, 293, v. 9-16)

Partindo de tal inflexão encomiástica, que se baseia num movimento sempre crescente de amplificação elogiosa, o epistológrafo termina por assumir um registo instigativo para com as lutas de conquista:

¿Quando será aquel día que a la vuestra
 Armada mano se rinda fortuna
 Que algo de envidia a tanta gloria muestra ?
 ¿Quando será que yo vea una laguna
 De sangre infiel vertida d'esa diestra,
 Yo que lo cante al sol, cante a la luna ?
 Triunfos, quanto a vos, mucho devidos,
 Deseos, quanto a mí, mucho atrevidos.
 (CMV, 295, v. 41-48)

Por outro lado, dentre as passagens das cartas em versos de Sá de Miranda que se tornaram mais célebres, encontram-se, sem dúvida, os trechos em que o epistológrafo faz o vitupério dos feitos “heróicos” ligados à expansão marítima. São versos que especialistas de diferentes gerações voltam a citar e analisar, como estes, extraídos da já mencionada carta em versos **A António Pereira**, em que o epistológrafo se indigna:

É entrada polos portos
 No reino crara peçonha
 Sem que remédio se ponha.
 Uns doentes, outros mortos,
 Outros polas ruas sonha.
 Fez-nos a ousada avareza
 Vencer o vento e o mar,
 Vencer caje a natureza.
 Medo hei de novo à riqueza
 Que nos torne a cativar
 (CMV: 238)

Do mesmo modo, na carta em versos **A Pero Carvalho**, dirigindo-se aos seus contemporâneos, ele vocifera:

Escravos mais que os escravos,
Por reção e por justiça
Deixai-vos de vossos gabos,
Que vos vendeu a cobiça
A mar bravo e a ventos bravos!
(CMV: 218)

Como entender tais divergências em relação a um tema tão importante dentro da vida sociocultural, política e econômica da época? Achamos que alguns elementos de resposta à nossa questão podem surgir se examinarmos os códigos poéticos utilizados por Sá de Miranda.

De maneira mais precisa, notemos que a atitude dominante de apologia ou vitupério da expansão, presente em cada poema, está submetida claramente a duas circunstâncias: por um lado, ao caráter de superioridade ou de igualdade existente entre o destinatário e o epistológrafo (acerca das relações entre os dois personagens de uma carta em versos, ver NEIVA, 1999, p. 85-194); por outro, à escolha de uma das duas formas poéticas relacionadas com a arte epistolar (carta em versos *stricto sensu* ou epístola dedicatória?). Identificamos então a presença da apologia do sentido heróico da expansão nos poemas dirigidos a um representante maior da monarquia (no caso, o rei Dom João III e o infante Dom Luís) – e principalmente nas epístolas dedicatórias. Quanto ao vitupério dos efeitos do mesmo episódio sobre a vida contemporânea, ele convém perfeitamente às cartas em versos dirigidas a destinatários que, sem nenhuma sombra de dúvida, devem ser classificados dentre os “amigos” (p. 147-164) do epistológrafo – Pêro de Carvalho e António Pereira. São convenções poéticas que o poeta acata de maneira estrita, modulando a sua expressão em função do respeito da “conveniência” (*decorum*) – noção fundamental para a arte epistolar, principalmente a partir do Renascimento (FUMAROLI, 1978, p. 889-902), e que implica, para o epistológrafo, a preocupação de acomodar o seu discurso a diversos fatores (circunstâncias de composição, temas tratados, posição social e temperamento do destinatário, sua relação com o epistológrafo...).

Também vale ressaltar que, por meio do teor laudatório presente nas duas epístolas dedicatórias, o epistológrafo busca claramente manifestar a reverência “fervorosa” que todo súdito deve a personagens maiores da monarquia (“Serenísimo Ifante, a quien se deve [...]”, grifo nosso). Ele leva então em consideração um preceito que se inscreve integralmente no processo de centralização monárquica dos Estados modernos e que, como se sabe, possui laços estreitos com a teoria do “amor político” (HEUSCH-GAUDÈS, 1993). Do mesmo modo, ele está em perfeita sintonia com a necessidade coletiva de elaboração de um modelo ideal de príncipe, manifestada por uma vasta literatura de cunho poético, dramático, jurídico ou estritamente político, que é tão abundante no Renascimento (SOARES, 1994; BUESCU, 1996).

Quanto à crítica da expansão portuguesa, que aparece nas cartas em versos, vale lembrar que alguns dos maiores leitores de Sá de Miranda, sem hesitação alguma, aproximaram esses trechos do discurso do velho do Restelo, quer seja para corroborar uma interpretação estoíca da obra do poeta (MATOS, 1987, p. 162), quer seja para auxiliar a tese de que essa obra está dotada de um sentido profético (PINA MARTINS, 1991, p. 1039). Vale assinalar que essa analogia atrai tanto mais o leitor que, para ilustrar a indignação dos seus “personagens”, os dois poetas recorreram a um acervo mitológico comum: os *exempla* de Ícaro e Faetão, ilustrativos dos perigos que representa a atitude dos contemporâneos, caracterizada pela desmedida.

Ora, como já foi muito bem demonstrado (EARLE, 1980, p. 71-104; MATOS, 1987), o texto mirandino ganhou toda uma nova dimensão a partir do momento em que nele se identificou a presença de várias preocupações comuns com um certo estoicismo, devidamente marcado de cristianismo (a exemplo aliás da obra de outros autores do século XVI, cf. REBELO, 1982). No entanto, a simples aproximação entre a indignação da *persona* mirandina e a do personagem camoniano não nos parece ser de grande importância para uma melhor compreensão nem das cartas em versos de Sá de Miranda, nem da

epopéia de Camões. Principalmente se tentássemos ver nas semelhanças entre os dois poemas o fruto de uma mesma “filiação” estoíco-cristã...

Quanto à hipótese segundo a qual essas cartas em versos “anunciam”, em plena era de expansão, a decadência do império português (como se de algum modo tivéssemos enfim encontrado, dentro do acervo poético português, uma resposta aos “vaticínios” presentes nas trovas do sapateiro Bandarra...), percebemos rapidamente o quanto ela é dotada de duas características, que conviria ultrapassar. Por um lado, está fundada numa concepção, tão valorizada pelos românticos, do poeta como vidente, vate (BÉNICHOU, 1988), por outro, ela implica uma certa projeção anacrônica, no sentido em que se atribui à poesia de Miranda constatações e preocupações que dizem muito mais respeito à nossa época.

Como já assinalamos anteriormente (NEIVA, 1999, p. 100), as semelhanças entre o epistológrafo mirandino e o Velho do Restelo devem-se muito mais a uma circunstância de ordem retórico-moral, já que ambos os “personagens” são dotados dos atributos clássicos do *vir prudens* (um rico repertório de experiências e *exempla*, a sagacidade necessária à crítica moral...). Por outro lado, ressalte-se que, ao se estabelecer uma analogia entre o epistológrafo mirandino e o personagem camoniano, põe-se de lado um fator importante: o vitupério da expansão marítima exerce funções bem distintas no interior da obra de cada um dos poetas. Assim, a exortação indignada do Velho do Restelo constitui, no interior da epopéia, uma espécie de *intermezzo* consagrado à maledicência da ação heróica, realizado por um personagem secundário do poema, cujas funções principais são as de contribuir à verossimilhança da narração e à celebração da ação heróica, característica do discurso épico. Quanto à crítica da expansão em Sá de Miranda, ela ocupa um lugar central na economia da carta em versos e condiz perfeitamente com a dimensão satírica desse poema de tradição horaciana, funcionando como metonímia do tempo presente (do mesmo modo, aliás, que a crítica do modo de vida cortesão).

Vejamos nesses versos a expressão do respeito à noção de *decorum* e a uma tradição poética precisa – muito mais do que a expressão de um improvável sentido profético. É uma interpretação que nos parece tanto mais pertinente que, conforme vimos, a partir do momento em que o epistológrafo se encontra diante de uma situação de enunciação diferente (superioridade do destinatário e/ou escolha da epístola dedicatória), o poeta sabe “acomodar” a sua expressão, fazendo do seu epistológrafo o porta-voz da louvação dos eventos relacionados com a expansão portuguesa.

Résumé: Les différentes visions d'un même personnage ou d'un thème, qui apparaissent lorsque nous lisons l'ensemble de la poésie épistolaire de Sá de Miranda, ne sont pas interprétées dans cet article comme le signe d'une incohérence quelconque de la part du poète, mais comme le résultat de ses choix, en termes de forme poétique (épître en vers ou épître dédicatoire), devenant ainsi une expression du respect vis-à-vis de la notion de *decorum* et vis-à-vis d'une tradition poétique précise. Pour illustrer ce principe, nous analysons les différentes représentations faites dans ces poèmes d'un destinataire précis – en l'occurrence, António Pereira – et d'une même thématique – l'empire portugais et son expansion.

Mots clés: Épître en vers. Épître dédicatoire. *Decorum*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÉNICHOU, Paul. **Les mages romantiques**. Paris: Gallimard, 1988.

BETHENCOURT, Francisco. O campo ético no século XVI. **Estudos e ensaios**, Lisboa, n. 17, p. 251-261, 1988.

BRAGA, Teófilo. **História da literatura portuguesa**. Ed. ut. Mem Martins: Europa-América, p. 197-124, 1871. v. 2.

BUESCU, Ana Isabel. **Imagens do príncipe**. Discurso normativo e representação (1525-49). Lisboa: Cosmos, 1996.

EARLE, T. F. **Tema e imagem na poesia de Sá de Miranda**. Trad. Isabel Penha Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1980.

FUMAROLI, Marc. Genèse de l'épistolographie classique: rhétorique humaniste de la lettre, de Pétrarque à Juste Lipse. **Revue de l'Histoire Littéraire de la France**, Paris, n. 6, p. 886-905, 1978.

FRAGA, Maria do Céu. Sá de Miranda e os poetas do círculo mirandino. **Arquipélago. Revista da Universidade dos Açores**, v. XIV, p. 85-96, 1994-1996.

GOYET, Francis. **Renaissance et littérature**: le "lieu commun" à la Renaissance. 1993. Thèse (Doctorat d'État) – Université de Paris XII–Val-de-Marne, Paris, 1993.

HEUSCH-GAUDÈS, Carlos. **La philosophie de l'Amour dans l'Espagne du XVe siècle**. 1993. Thèse (Doctorat) – Université de Paris III–Sorbonne Nouvelle, Paris, 1993. 3 v.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. Sá de Miranda: o estoicismo feito poesia. In: _____. **Ler e escrever**. Ensaios. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1987. p. 145-168.

NEIVA, Saulo. **Au nom du loisir et de l'amitié**. Rhétorique et morale dans l'épître en vers en langue portugaise au XVIe siècle. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1999a.

_____. L'amitié parfaite contre la cupidité corruptrice: rhétorique et morale chez l'épistolier portugais du XVIe siècle. **Quadrant**, n. 16, p. 5-22, 1999b.

_____. La redécouverte de l'épître en vers dans le Portugal du XVIe siècle. In: WILD, Francine Wild. (Dir.). **Genre et société**. Nancy: Université de Nancy II, 2000. Tome I. p. 67-75.

_____. Grandeur et décadence des temps présents: ambivalence morale dans les épîtres en vers de Pero de Andrade Caminha. **Les Cahiers du CREPAL**, n. 9, Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, p. 23-36, 2000.

_____. Les mets et les mœurs: la représentation satirique des repas courtisans au Portugal. In: VIALON-SCHÖNEVELD, Marie. (Dir.). **Le boire et le manger au XVIe siècle**. Actes du XIe Colloque du Puy-en-Velay. Saint-Etienne : Presses Universitaires de Saint-Etienne, 2004. p. 225-235.

PINA MARTINS, José Vitorino de. Sá de Miranda, um poeta para o nosso tempo. In: _____. **Estudos portugueses.** Homenagem a Luciana Stegagno Picchio. Lisboa: Difel, 1991. p. 1025-1046.

REBELO, Luís de Sousa. Estoicismo. In: _____. **A tradição clássica na literatura portuguesa.** Lisboa: Livros Horizonte, 1981. p. 111-113.

SOARES, Nair Nazaré de Castro. **O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório.** Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1993.

Recebido em: 01/12/2005
Aprovado para publicação em: 05/02/2006